



QUAIS OS CAMINHOS PARA UMA REVOLUÇÃO NA (CO)PRODUÇÃO DE DADOS ABERTOS DAS FAVELAS, PARA AS FAVELAS E COM AS FAVELAS? (SESSÃO LIVRE)

Flávia da Fonseca Feitosa

Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA), Universidade Federal do ABC (UFABC) | flavia.feitosa@ufabc.edu.br

Antônio Miguel Vieira Monteiro

Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) | miguel.monteiro@inpe.br

Resumo geral:

Em 2024, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) substituiu o termo “aglomerados subnormais”, utilizado desde 1991, por “favelas e comunidades urbanas” para designar áreas de favelas e assentamentos populares em diversas regiões do país. Essa mudança, resultado de um amplo diálogo com movimentos sociais, a comunidade acadêmica e órgãos governamentais, buscou superar o caráter estigmatizante da nomenclatura anterior e reconhecer os direitos constitucionais da população à cidade.

Esse avanço representou um marco importante para ampliar o reconhecimento desses territórios, que abrigam uma parcela expressiva da população brasileira. Contudo, persistem muitas limitações na maneira como favelas e comunidades urbanas são representadas e compreendidas. A limitada capacidade de captar a complexidade destes territórios, em suas múltiplas facetas, invisibiliza aspectos relevantes das condições de vida e das necessidades dos residentes dessas áreas. Essas lacunas de informações aprofundam desigualdades, enfraquecem processos de reivindicação popular e dificultam a formulação de ações de planejamento inclusivas e sustentáveis.

Nesse contexto, a Sessão Livre proposta busca promover uma reflexão sobre caminhos possíveis para a construção de metodologias de identificação e caracterização de favelas e comunidades urbanas sensíveis às especificidades locais e às demandas desses territórios.

A diversidade cultural, socioeconômica e ambiental do Brasil, marcada por trajetórias urbanas distintas, impõe desafios únicos à representação das favelas. Desde as favelas nas metrópoles do Sudeste até os assentamentos informais na Amazônia e nas regiões semiáridas, as formas de ocupação e organização social são múltiplas, dinâmicas e

profundamente enraizadas em seus contextos específicos. Cada favela é uma entidade singular, moldada por sua história, geografia e pelas experiências de vida de seus moradores. Essa singularidade não é um mero pano de fundo, mas um elemento central que define a identidade desses territórios e que, ao mesmo tempo, impõe desafios significativos à sua representação.

Construir representações adequadas sobre as favelas não é tarefa fácil. Embora os esforços para melhorar a qualidade dos dados oficiais tenham promovido avanços muito importantes, as favelas e comunidades urbanas continuam subdimensionadas nos levantamentos existentes. Além disso, os dados disponíveis são limitados em termos de frequência de atualização e insuficientes para capturar a complexidade, diversidade e evolução desses territórios ao longo do tempo.

Essa realidade, paradoxalmente, coexiste com o aumento no volume, diversidade, nível de detalhe e velocidade dos dados desde os anos 2000, impulsionado pelo avanço de tecnologias de informação e comunicação (TICs). Isso inclui o desenvolvimento de novos sensores que disponibilizam imagens cada vez melhores e mais acessíveis, um notável aumento de dados rastreados por GPS (Sistema de Posicionamento Global), além do avanço de portais web e bancos de dados em rede. Ademais, dados provenientes de outras fontes, como registros administrativos e dados gerados voluntariamente por cidadãos, estão cada vez mais disponíveis e com melhor qualidade.

Reconhece-se, assim, um ambiente favorável para se avançar no conhecimento sobre esses territórios. Entretanto, a exploração efetiva desses recursos requer mais do que acesso. Ela depende de estratégias inovadoras que combinem dados tradicionais e alternativos, dados oficiais e aqueles gerados por cidadãos, small data e big data, métodos quantitativos e qualitativos, tudo isso associado a muitas parcerias, trocas, escuta, co-produção e inteligência "natural".

Partindo desse contexto, a Sessão Livre propõe a discussão das seguintes questões:

- A representação da diversidade. Quais os limites e potenciais das metodologias existentes para retratar a diversidade das favelas, considerando suas dimensões sociais, econômicas, espaciais e ambientais?
- A complementaridade entre dados oficiais e cidadania informacional. Como aproximar sistemas oficiais de estatística territorial das iniciativas de geração cidadã de dados, fortalecendo o protagonismo das comunidades na construção do conhecimento sobre si mesmas?
- Os desafios e oportunidades trazidos pelo aumento da diversidade e volume de dados disponíveis. Quais as lacunas persistentes? Como adaptar métodos e técnicas para explorar essa diversidade e ampliar a compreensão das favelas em múltiplas escalas temporais e espaciais?
- O impacto das tecnologias na construção de representações inclusivas. Como incorporar técnicas de inteligência artificial, big data, raspagem de dados web e outras

inovações aos processos de mapeamento e análise, respeitando a singularidade dos saberes locais e as demandas dos territórios?

A presente Sessão Livre reunirá palestrantes que abordam esses temas sob diferentes perspectivas, incluindo: a experiência do IBGE, destacando os avanços, dificuldades e perspectivas futuras para a produção dos dados oficiais sobre as favelas e comunidades urbanas; as iniciativas do Observatório “De Olho na Quebrada” na geração cidadã de dados sobre Heliópolis, uma das maiores favelas do país; reflexões a partir da realidade Amazônica, abordando a relevância de métodos participativos e análises morfológicas específicas associadas a tecnologias geoespaciais para a caracterização dos territórios; inovações do Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA) no desenvolvimento de metodologias de identificação e caracterização de favelas.

A discussão a partir dessas experiências buscará explorar como diferentes abordagens podem convergir para uma revolução informacional e analítica sobre as favelas, para as favelas e com as favelas. Mais do que debater a produção de novos dados, a Sessão busca problematizar a informação como instrumento de transformação social. Como tornar os dados um instrumento efetivo para a construção de cidades mais inclusivas, resilientes e sustentáveis? Como gerar conhecimento que ilumine as desigualdades e fortaleça a luta por direitos? Essas reflexões são fundamentais para reposicionar o debate sobre a produção de informações sobre favelas no Brasil e no Sul Global, integrando dados, saberes e ações em um projeto coletivo de justiça social e territorial.

OS DESAFIOS DE RETRATAR A DIVERSIDADE DAS FAVELAS E COMUNIDADES URBANAS

Cayo de Oliveira Franco

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) | cayo.franco@ibge.gov.br

A palestra tem como objetivo apresentar o processo de mapeamento das favelas e comunidades urbanas no Brasil sob a perspectiva do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, destacando seus desafios, avanços e perspectivas futuras. Pretende-se dialogar com o público e demais participantes sobre os principais desafios enfrentados pelo IBGE, como a diversidade territorial, nomenclatura utilizada e as dificuldades em articular as escalas nacional e local de maneira consistente. Serão também discutidos os avanços técnicos e metodológicos que marcaram o Censo Demográfico 2022, como o uso de imagens de satélite de alta resolução, a coleta de informações junto às prefeituras e o desenvolvimento de fichas de informações territoriais específicas para caracterização dessas áreas. Esses recursos representaram um salto significativo na precisão e abrangência dos dados coletados, proporcionando novas possibilidades para a análise destes territórios no Brasil.

Além de refletir sobre os resultados do Censo 2022, a apresentação trará uma perspectiva sobre os próximos passos no período intercensitário, até o Censo 2030. Nesse sentido, serão debatidas estratégias para o aprimoramento contínuo do mapeamento, como a incorporação de novas tecnologias, a atualização dinâmica dos dados e a ampliação do diálogo com atores locais para enriquecer a compreensão sobre as especificidades desses territórios.

Considera-se que o processo de mapeamento de favelas e comunidades urbanas é fundamental para a divulgação de resultados para esses territórios e o cumprimento da missão do IBGE que é retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania.

GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS: EXPERIÊNCIAS DO OBSERVATÓRIO DE OLHO NA QUEBRADA

Sabrina Oliveira Santos

Observatório De Olho na Quebrada | sabrina.oliveira@aluno.ufabc.edu.br

A palestra apresentará as metodologias e ferramentas adotadas pelo Observatório De Olho Na Quebrada, um coletivo de jovens de 15 a 29 anos engajados na produção de dados, no questionamento das narrativas hegemônicas e na construção de agendas locais voltadas para as favelas de Heliópolis e do Fundão do Ipiranga, localizadas na zona sudeste de São Paulo. O trabalho do grupo é ancorado na Geração Cidadã de Dados (GCD), abordagem que combina produção, comunicação e incidência política, com base em cartografias e números gerados em diálogo contínuo com a comunidade. Além de fortalecer a autonomia, a representatividade e a mobilização local, esse processo reflete realidades e demandas específicas desses territórios, oferecendo alternativas às informações tradicionalmente produzidas pelos governos.

A produção de dados alternativos responde a desafios históricos, como a subnotificação de informações. Bases cartográficas oficiais frequentemente ignoram becos, vielas sem nome, passagens estreitas e casas sem numeração, enquanto mapeamentos comunitários incorporam aspectos históricos, sociais e culturais que refletem melhor a realidade local. Por exemplo, o Censo Demográfico de 2022 aponta uma população de 55.583 habitantes em Heliópolis, enquanto estimativas locais indicam cerca de 200 mil pessoas, vivendo em uma área de um milhão de m². Esse contraste expõe lacunas que impactam políticas públicas direcionadas ao território.

Ainda, é importante considerar os vieses oriundos da estigmatização da favela como um espaço de violência, barbárie, carência e falta de higiene. Esses estigmas permeiam todo o processo de pesquisa, desde o planejamento até a condução das entrevistas, influenciando abordagens e a interpretação dos dados. Eles podem se manifestar de diversas maneiras,

como o receio de acessar certas áreas ou na construção de pressupostos marginalizantes que dificultam a aproximação com a comunidade.

Serão apresentados três trabalhos do Observatório: "Heliópolis: Territórios de Paz", que questiona associação da favela à violência, segundo dados oficiais; "Do muro pra lá: o retrato do racismo ambiental em Heliópolis", que denuncia a exclusão de áreas alagáveis da favela na plataforma municipal de dados; e "Heliópolis contra o coronavírus: acesso à internet na pandemia", que revela a intencionalidade por trás da ausência de serviços essenciais de internet.

Em última análise, a reflexão central que se busca trazer é que, embora os esforços para aprimorar a qualidade dos dados governamentais tenham gerado importante avanços, toda representação está imbuída de escolhas e perspectivas. Assim, o Observatório convida ao debate sobre a agência, a fidedignidade e o pertencimento daqueles cujos saberes fundamentam essas representações.

A DIVERSIDADE DAS FAVELAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O MAPEAMENTO E CARACTERIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO CONTEXTO AMAZÔNICO

Ana Cláudia Duarte Cardoso

Universidade Federal do Pará | acardoso@ufpa.br

A palestra tratará da complexidade e diversidade das favelas no contexto da Amazônia, evidenciando como essa pluralidade apresenta desafios únicos para o mapeamento e a caracterização desses territórios. Frequentemente vistas por uma lente estreita de pobreza e precariedade, as favelas são ecossistemas vibrantes que refletem um mosaico rico de dinâmicas sociais, culturais e ambientais.

Os métodos tradicionais de mapeamento, frequentemente baseados em métricas padronizadas e conhecimentos universalizados, tendem a obscurecer as realidades complexas das favelas. Essas abordagens acabam homogeneizando as experiências diversas dos moradores, reduzindo estruturas sociais ricas a categorias simplistas. Narrativas coloniais e globais frequentemente moldam essas práticas, falhando em captar o conhecimento local indispensável para compreender o tecido socioambiental das favelas.

São múltiplos os aspectos que caracterizam a diversidade das favelas. Algumas são marcadas por comunidades coesas, com redes sociais robustas, enquanto outras exibem estruturas mais fragmentadas, influenciadas por fatores como padrões de migração, oportunidades econômicas e condições ambientais. Elementos naturais, como rios e morros, contribuem para a singularidade desses territórios, ao mesmo tempo que adicionam camadas de desafio a sua caracterização.

Outro aspecto fundamental é a diversidade socioeconômica dentro das favelas, frequentemente composta por uma ampla gama de níveis de renda, formações educacionais e práticas culturais. Estratégias genéricas de mapeamento dificulta a formulação de políticas eficazes, aumentando o risco de se invisibilizar as necessidades e aspirações específicas dos diferentes grupos que habitam essas comunidades.

Diante desses desafios, a palestra discutirá caminhos para aprimorar a produção de dados sobre as favelas amazônicas, sugerindo o uso de tecnologias geoespaciais e análises morfológicas adaptadas, capazes de revelar padrões e gramáticas espaciais locais. O uso de geotecnologias, combinado à participação direta dos moradores, permite uma compreensão mais profunda das configurações espaciais e dinâmicas sociais que definem cada favela. Será enfatizada a importância de se adotar abordagens participativas no mapeamento e caracterização desses territórios. Ao envolver moradores nos processos de produção de conhecimento, é possível avançar para que as representações das favelas não apenas sejam mais precisas, mas também reflitam múltiplas vozes e experiências dessas comunidades. Esse processo fortalece o empoderamento local e contribui para a construção de políticas públicas mais eficazes e inclusivas.

REVOLUÇÃO DOS DADOS SIM, MAS QUAL? UMA AGENDA PARA A PRODUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DE FAVELAS

Flávia da Fonseca Feitosa

Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA), Universidade Federal do ABC (UFABC) | flavia.feitosa@ufabc.edu.br

Antônio Miguel Vieira Monteiro

Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) | miguel.monteiro@inpe.br

A crescente disponibilidade de dados espaciais, combinada com métodos inovadores de análise, tem aberto novas perspectivas para investigar a natureza dinâmica, adaptativa e em constante transformação das favelas e comunidades urbanas. Contudo, muitos dos dados disponíveis permanecem subutilizados devido a barreiras como acesso restrito, falta de integração e compatibilização entre fontes, documentação insuficiente, limitações no conhecimento técnico para explorá-los, e inadequações dos dados quanto ao formato ou escala (espacial e temporal) para fins de pesquisa, empoderamento comunitário e tomada de decisão.

Adicionalmente, os sistemas de dados mantidos por agências municipais, estaduais e federais frequentemente enfrentam desafios estruturais, carecendo de recursos e apoio institucional para fortalecer sua capacidade de produzir e disseminar informações sobre as características e dinâmicas das favelas em todo o país.

Explorar o potencial da chamada “Revolução dos Dados” e dos métodos relacionados de processamento e análise é muito relevante para avançar na produção de conhecimentos

sobre os territórios urbanos. No entanto, essa revolução também suscita preocupações éticas, sociais e técnicas, especialmente no contexto das favelas. Entre os principais desafios estão a violação de privacidade, a distribuição desigual de dados (digital divide), os processos crescentes de dataficação e a adoção de abordagens de análise excessivamente “data-driven” (guiada por dados), associadas a decisões automatizadas por inteligência artificial e sem interferência humana.

A palestra apresentará experiências de pesquisas desenvolvidas no Centro de Estudos da Favela (CEFAVELA) que problematizam estas questões e buscam desenvolver novas metodologias baseadas na crescente disponibilidade de dados e avanço do poder computacional e analítico. Essas metodologias integram dados tradicionais e alternativos, combinando análises quantitativas e qualitativas para localizar, dimensionar e caracterizar favelas em diferentes escalas espaciais e temporais. O objetivo é explorar as múltiplas realidades desses territórios e propor abordagens inclusivas para a produção e uso de dados, conectando tecnologia, saberes locais e justiça social.